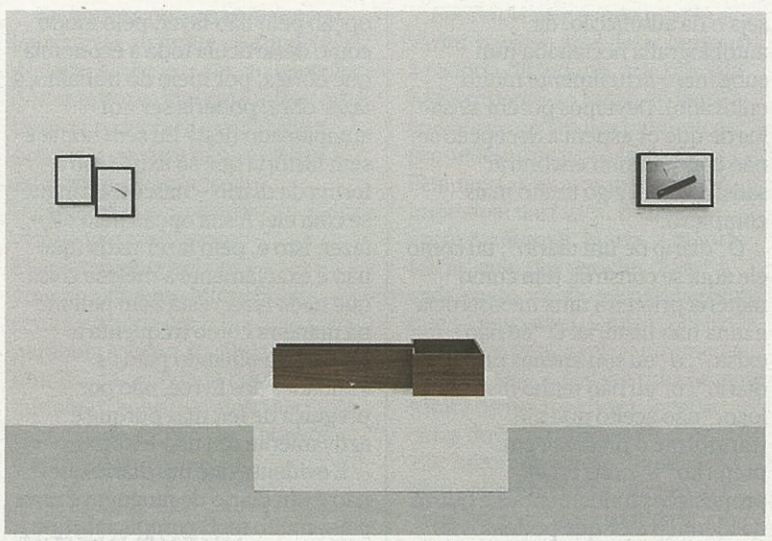
EXPOSIÇÕES



Um conjunto de fragmentos, já que não lhes foi dada a estrutura clássica de um relato com princípio, meio e fim

Fragmentos do real

A difícil relação entre palavra e imagem é o tema do trabalho da egípcia Iman Issa. *Luísa Soares de Oliveira*

Iman Issa
Reasonable Characters in Familiar Places

★★★★☆

LISBOA. Kunsthalle Lissabon. R. José Sobral Cid, 9E. De 5ª a sábado, das 15h às 19h. Até 2 de Abril.

Instalação.

Há anos que a Kunsthalle Lissabon desenvolve, em Lisboa, uma programação de exposições e artistas que estabelecem uma relação privilegiada com o livro. Iman Issa, nascida no Cairo e a viver actualmente entre esta cidade e Nova Iorque, não foge a esta regra, e apresenta agora um projecto centrado em torno *Reasonable Characters in Familiar Places*, um conjunto de pequenas narrativas em formato livro que na realidade se dão a ler como fragmentos, já que, por sistema, não lhes foi dada a estrutura clássica de um relato com princípio, meio e fim. Ostentam a sua incompletude como marca distintiva, como que a pedir-nos a nós, espectadores, que a anulemos com uma imagem, uma memória, uma projecção de todos os fantasmas que trazemos dentro de nós.

Em vez de nos esclarecer sobre o conteúdo deste trabalho, Iman Issa acrescenta-lhe indeterminação ao acoplá-lo com imagens obtidas a partir da fotografia, do vídeo, do desenho ou da construção tridimensional, e com um "Index", uma impressão a vinil na parede que se conjuga com estas imagens que sublinha que, em todas elas, há algo que falta. Uma outra peça presente na exposição, intitulada *Revolutionary*, consiste num texto áudio gerado informaticamente que é conjugado com um filme; aqui, a artista tentou definir a palavra que dá o título à peça, chegando à conclusão, como ela própria esclareceu numa entrevista dada há cerca de dois anos, que qualquer sentido não abarca a riqueza de significados que a palavra possa incluir. Assim, nestes dois trabalhos, tudo se joga numa distância sempre inultrapassável entre aquilo que é e aquilo que a artista pretende que seja inicialmente. Dito de outra forma, tudo se estabelece num sentimento de frustração que é o mesmo que distingue a coisa e a

sua transcrição, a sua tradução, a sua traição até, pela palavra, já que toda a tradução é também traição.

O que torna esta obra particularmente interessante é o facto de Issa estar constantemente lúcida sobre este facto, e de inclusive ter decidido ancorar nesta ténue linha onde a comunicação é possível (mesmo que ela nunca corresponda matematicamente àquilo que se quer comunicar) toda a sua obra. As imagens que vemos são frias, distantes, e tal como sucede no texto não nos permitem, afinal, construir uma narrativa coerente, definitiva, absoluta. Há mesmo uma peça mostrada num monitor onde ícones diversos (incluindo a muito vista e imediatamente identificável Torre de Belém) parecem vogar sem destino, tão vazios de sentido quanto as imagens de um qualquer descanso de écrã. Noutras situações, há papéis amarfanhados, caligrafias, paisagens que supomos situadas num Médio Oriente pouco individualizado. Esta qualidade neutra das imagens - talvez seja esta a palavra indicada para as qualificar - será também a qualidade de qualquer fragmento literário sobrante de uma obra mais complexa perdida para sempre. A referência à totalidade inalcançável será sempre o padrão em relação ao qual se mede a qualidade e a importância do fragmento, mesmo que essa totalidade permaneça desconhecida para sempre.

Obviamente, há aqui, no trabalho de Iman Issa, uma metáfora com a própria construção da história de um país, de um povo, de uma cultura, a partir dos fragmentos deixados pelo tempo e considerados significantes pelo historiador actual. Não é a primeira vez que a artista se confronta com a história, quer seja pela via do objecto - o artefacto, que acaba sempre por adquirir uma qualidade escultórica -, quer pelo caminho mais subtil da narrativa. Noutros projectos, tal como agora sucede, Iman Issa compreendeu que apesar das suas qualidades neutras o fragmento conta sempre uma história, que é a história do fragmento. E que ela acaba sempre por se fazer eco dessa outra história, mais densa e complexa, que se faz no dia a dia de um povo. É isto, no fundo, que aqui se sublinha.